

Biblioteca escolar nos trilhos do século XXI

Cláudio Marcondes de Castro Filho

Como citar: CASTRO FILHO, C. M. Biblioteca escolar nos trilhos do século XXI.
In: SILVA, R. C.; CALDAS, R. F. (org.). **Bibliotecas e hibridez**. Marília: Oficina
Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 93-113.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-88-0.p93-113>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 3

Cláudio Marcondes de Castro Filho

BIBLIOTECA ESCOLAR NOS TRILHOS DO SÉCULO XXI

Ao longo dos séculos, a biblioteca manteve suas portas fechadas para a maioria da população, instalando uma divisão entre “letrados e iletrados, entre clérigos e laicos, entre iniciados à palavra escrita e os não iniciados” (MAROTO, 2012 p. 32); pois inseridas nos palácios ou nos conventos, não era vista como órgão de acesso e difusão do conhecimento. Essas relações de desigualdade de acesso às bibliotecas e ao seu acervo perpetuam-se até hoje por meio do distanciamento entre as bibliotecas escolares públicas, as tecnologias de informação e comunicação e os leitores, fazendo-nos duvidar de que em plena era do século XXI e do desenvolvimento de uma sociedade de informação, da qual todos deveriam participar do convívio do equipamento cultural – biblioteca escolar. De forma que esse descaso, a qual chamamos de censura, da não participação de leitores nas bibliotecas escolares, e de criação de ações equivocadas e práticas intermitentes que circularam a biblioteca escolar, deixaram cicatrizes que podem ser observadas no cotidiano das escolas.

Nesse sentido, Pimenta (2018, p. 13) salienta que as bibliotecas escolares, se apresentavam “como um espaço alternativo de participação e pressão de militantes, impedidos

de atuar politicamente”, que hoje, mesmo com as políticas públicas direcionadas ao avanço das bibliotecas escolares, como a Lei 12.244/2010, que estabelece bibliotecários em escolas públicas, não se concretiza a emancipação de leitores na utilização do equipamento cultural-biblioteca escolar, pois na maioria da administração pública municipal brasileira não consta o cargo efetivo de bibliotecário, o que nos remete a não concretizar e estabelecer ações diferenciadas ao acesso à leitura, informação e conhecimento.

Em pleno século XXI, 2019, o Projeto de Lei 9484/2018, que tramita na Câmara do Deputados do Congresso Nacional do Brasil por meio da Deputada Federal Laura Carneiro e que altera a Lei 12.244/2100, trata sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), que tem alguns objetivos como : a) incentivar a implantação de bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino do país; b) promover a melhoria do funcionamento da atual rede de bibliotecas escolares, para que atuem como centros de ação cultural e educacional permanentes; c) favorecer a ação dos sistemas estaduais e municipais de ensino para que os profissionais vinculados às bibliotecas escolares atuem como agentes culturais em favor do livro e de uma política de leitura nas escolas; d) estabelecer parâmetros mínimos funcionais para a instalação física das bibliotecas no âmbito das escolas, atendo-se ao princípio da acessibilidade, a fim de que as mesmas se constituam em espaços inclusivos, entre outros (BRASIL, 2018).

Entendemos, portanto, que biblioteca escolar deve ser reconhecida como um equipamento cultural e, ainda, como uma instituição social, com intuito de integrar a sociedade da informação, estabelecendo novos conceitos e se adequando

às realidades sociais, culturais, educativas e tecnológicas da sociedade. Com a explosão informacional, a sociedade contemporânea necessita de profissionais bibliotecários que atuem em biblioteca escolar com competências que possam atender às novas demandas de produtos e serviços de informação.

Para Castro Filho (2018, p. 362) a biblioteca escolar é a “primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural. É um espaço ativo de ação pedagógica, com inserção de atividades lúdicas complementares ao processo tradicional de ensino-aprendizagem”.

Nesse aspecto elaboramos a Figura 1, apresentando a partir da década de 1970 algumas definições, características e funções da biblioteca escolar.

Figura 1 - Definições, características e funções da biblioteca escolar

BIBLIOTECA ESCOLAR

Definições, Características e funções

CERDEIRA (1977)

...centro de recursos educativos no qual a ênfase não é apenas colocada na leitura, mas, igualmente, em ouvir e observar materiais que compreendem slides, transparências, filmes, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas, etc

...um centro em que a interação do educando com uma variada gama de recursos de comunicação os transforma em verdadeiros laboratórios de auto-aprendizagem..



BARROSO (1984)

...laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional, devendo facilitar o acesso, a disponibilidade e a utilização de seus recursos a toda a comunidade educacional.

...oferece mecanismos concretos quanto ao cumprimento das condições básicas do desenvolvimento curricular...

...adquirir uma especial importância quanto ao desenvolvimento de atitudes, habilidades e deverá ser um lugar convidativo, não importa o espaço que ocupe, quão velho seja o mobiliário, pois não é somente a aparência física que dá o clima de biblioteca, e sim a imagem do bibliotecário, a qual a biblioteca deve refletir



RUEDA (1998)

A biblioteca escolar deve ser um centro de recursos que está organizado, eduque no uso de distintas fontes de informação e documentação, promova a autoaprendizagem, ajude informação leitora dos usuários (criando leitores competentes na utilização de diversos tipos de textos), promova a igualdade no acesso à leitura.



CASTRO FILHO (2008)

A biblioteca escolar deve ser um centro de recursos que está organizado, eduque no uso de distintas fontes de informação e documentação, promova a autoaprendizagem, ajude informação leitora dos usuários (criando leitores competentes na utilização de diversos tipos de textos), promova a igualdade no acesso à leitura.



SOUSA (2014)

A biblioteca escolar deve ser um centro de recursos que está organizado, eduque no uso de distintas fontes de informação e documentação, promova a autoaprendizagem, ajude informação leitora dos usuários (criando leitores competentes na utilização de diversos tipos de textos), promova a igualdade no acesso à leitura.

OTTONICAR; CASTRO FILHO; SALA; (2019)

realizar ações como: disponibilizar wi-fi na biblioteca e ofertar capacitações para a utilização das ferramentas de pesquisa. Ao contribuir para a inclusão digital e a Competência em informação, o bibliotecário assume uma postura política e social, que contribui para a formação integral do indivíduo na sociedade brasileira.

CAMILLO; CASTRO FILHO, (2017)

A biblioteca escolar deve ser um centro de recursos que está organizado, eduque no uso de distintas fontes de informação e documentação, promova a autoaprendizagem, ajude informação leitora dos usuários (criando leitores competentes na utilização de diversos tipos de textos), promova a igualdade no acesso à leitura.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além disso, não podemos negar a ainda expressiva falta de bibliotecas escolares apontada pelo último censo da educação básica realizado no país. Com mais de 5.570 municípios, estima-se que o Brasil tenha 210 milhões de habitantes, uma taxa de crescimento de 0,79% entre 2018 e 2019, e com 181,9 mil escolas de educação básica.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019, p. 2), no Censo Escolar de 2018, as matrículas da educação básica foram de 48,5 milhões, encontradas majoritariamente na área urbana (88,7%), sendo na rede pública, as escolas municipais a maior responsável pelo número de matrículas. O Brasil conta, em 2018, com 181.939 escolas de educação básica. Desse total, a rede municipal é responsável por aproximadamente dois terços das escolas (60,6%), seguida da rede privada (22,3%). Das escolas da educação básica, percebe-se que as etapas de ensino mais ofertadas são os anos iniciais do ensino fundamental e a pré-escola, com 112.146 (61,6%) e 103.260 (56,8%) escolas, respectivamente. O ensino médio, por outro lado, é ofertado por apenas 28.673 (15,8%) escolas.

Estes dados nos mostram a quantidade de alunos que frequentam as escolas públicas no Brasil. Resumindo, existem 48.455.867 milhões de alunos em 140.093 escolas públicas (77,7%); ou seja, a maioria dos alunos brasileiros frequentam as escolas públicas.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019) aponta que as escolas de educação básica possuem biblioteca e/ou sala de leitura, mas não esclarece como são formadas ou organizadas as bibliotecas e salas de leitura. A rede pública brasileira até tem bibliotecas, mas circunscrita principalmente a capitais como São Paulo,

Florianópolis, Belo Horizonte, Vitória, Fortaleza, e cidades como Santos, São Bernardo do Campo, e nos Estados de Santa Catarina e do Paraná que têm redes de bibliotecas.

Os dados são importantes para mostrar a inexistência de bibliotecas escolares públicas brasileiras. O fato de que a maioria dos alunos está em escola pública não seria justamente um chamado para a construção de políticas públicas de educação?

Para se ter uma biblioteca, no sentido de instituição social, são necessários cinco pré-requisitos: a intencionalidade política social; o acervo e os meios para sua permanente renovação; o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidade de informação conhecida ou pressuposta; e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os leitores e os serviços de biblioteca (LEMOS, 1998, p. 347).

Em relação às bibliotecas existentes, muitas delas são confundidas com depósitos de livros, ou “armariotecas” desconhecidos pelos sujeitos que circulam na escola (PAIVA; BERENBLUM, 2009, p. 13), fazendo com que o silêncio as atravesse de forma tão contumaz quanto os “imperativos da ordem e do espaço” (MANGUEL, 2006, p. 99). Nesse contexto, as bibliotecas serviriam como um local alternativo à sala de aula, secundário, pouco frequentado, palco de atividades isoladas e alheias ao projeto pedagógico, perdendo-se, assim, excelentes oportunidades de enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Em contraponto, na literatura científica, a biblioteca escolar deixa de ser retratada como um depósito inerte de livros e outros materiais para ser considerado um espaço

de ação pedagógica, um centro de informação e cultura formado por vários tipos de documentos e diferentes suportes informacionais ou, ainda, “um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não somente consumidoras de cultura” (CAMPELLO et al., 2002, p. 22).

Nessa concepção, as bibliotecas seriam “centros dinâmicos, con un nuevo espacio-entorno y un innovador concepto de servicios” (CUEVAS CERVERÓ, 2007, p. 174) e ainda, de acordo com Maroto (2012, p. 75),

como difusor do conhecimento produzido pela coletividade, constituindo-se, dessa forma, na primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural, para as crianças brasileiras ao ingressarem na escola pública.

Um dos objetivos básicos da biblioteca escolar, cuja missão é fornecer informações vitais (no sentido de importantes à vida) para a sociedade que, atualmente, estrutura-se sobre os pilares do conhecimento e da informação. Por sua constituição, a biblioteca escolar desenvolve nos alunos as competências para a aprendizagem ao longo da vida, instigando a imaginação, a criação e a curiosidade, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos e ainda “os governos, através de seus ministérios responsáveis pela educação, são instados a desenvolver estratégias, políticas e planos que implementem os princípios deste Manifesto” (IFLA, 2016, p. 15).

Mediante algumas definições de biblioteca escolar podemos apontar que a biblioteca é um laboratório de pesquisa escolar que permite a formação de leitores; é um centro do fazer educativo, um espaço democrático, um local de

comunicação e de utilização de várias fontes de informação, no suporte impresso ou analógico; é espaço de busca de questionamentos e de solução de problemas, que precisa ser ativo; é um local de entretenimento e que tem como missão o desenvolvimento e à formação dos cidadãos; é um lugar que ainda complementa a educação formal, a leitura, a pesquisa, as atividades culturais, as diferentes apresentações do conhecimento e que transpõe imensamente a visão míope de qualquer lei.

Tais definições são importantes porque marcam um ideário sonhado para a biblioteca escolar, que é distante da realidade da maioria das atividades de visitação e de leitura nas escolas brasileiras.

Nesse sentido, podemos demonstrar que, na prática, a biblioteca escolar pública no Brasil ainda não possui um lugar consolidado em nossa sociedade. O resultado desta desvalorização se encontra fundado na falta de bibliotecários nas escolas públicas. Mesmo assim, com a sociedade da informação, com as tecnologias e com os suportes tecnológicos, gera-se um grande desafio às escolas públicas brasileiras, em pleno século XXI: educar para a liberdade e para a autonomia diante de um mundo bombardeado por informações. Quais seriam os agentes responsáveis por uma mudança desta situação precária? Apenas o governo? Ou também os conselhos regionais de biblioteconomia, os próprios bibliotecários, os professores, os pais de alunos, os cidadãos?

Na verdade, essas bibliotecas das escolas públicas estão muitas vezes localizadas em espaços inadequados, de difícil acesso, em antigas salas de aula. Essas bibliotecas possuem diversas dificuldades no cumprimento de suas funções

necessárias e básicas como recursos disponíveis e estrutura física, em relação ao sistema educacional deteriorado do país; sistema que é arcaico quanto à utilização e aproveitamento do acervo, pela inexistência da política de seleção e aquisição de materiais. Perguntamos então, como organizar uma política de desenvolvimento de coleções em um cenário de penúria?

Grande parte dessas bibliotecas escolares está sob responsabilidade de profissionais desqualificados, como professores esperando a aposentadoria, com licença pedagógica, licença por invalidez, entre outros motivos. Tal fato acontece devido ao descaso das autoridades e dirigentes para com a nossa educação. Como os setores envolvidos (conselhos de bibliotecários, associações de professores) poderiam se mobilizar para cobrar das autoridades uma diligência sobre a questão?

Com a situação delicada das bibliotecas brasileiras, é preciso que se tenha uma reformulação em diversos sentidos; a começar pela inclusão, de fato, do bibliotecário no quadro de funcionários da escola pública, uma vez que a Lei 12.244/2010, de direito, designa a inclusão na biblioteca escolar do profissional bibliotecário. Supomos que esse profissional seja qualificado, consciente, sensível e habilidoso para adequar o acervo e o espaço físico às necessidades estruturais e culturais das bibliotecas.

O bibliotecário faz parte do processo educacional e, quando desempenha tarefas em conjunto com educadores, as atividades se complementam, permitindo assim ao estudante um maior envolvimento, entendimento e absorção das informações. Apenas instrumentos legais (leis) são suficientes para valorizar o bibliotecário? Um reconhecimento público por parte da sociedade, sobre suas funções na educação,

contribuiria para sua valorização? Portanto, alguns desafios da biblioteca escolar no século XXI devem ser articulados e considerados.

Nesse sentido, o bibliotecário escolar tem algumas responsabilidades para garantir as ações e êxito da biblioteca, conseguindo assim ser incluído como bibliotecário educador. Portanto, espera-se que o profissional segundo IFLA (2006, p. 13):

- analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços:
 - desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca;
 - apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação;
 - promova programas de leitura e eventos culturais;
 - participe em atividades de planificação relacionadas com a gestão do currículo;
 - participe na preparação, promoção e avaliação de atividades de aprendizagem;
 - construa parcerias com organizações externas;
 - prepare e aplique orçamentos;
 - conceba planejamento estratégico;
 - faça a gestão e a formação da equipe da biblioteca.

De tempos em tempos as tarefas mudam por causa

da tecnologia e de movimentos sociais, políticos ou culturais, fazendo com que os ambientes informacionais e os próprios profissionais também tenham que mudar.

Com os novos suportes de informação, advindo das tecnologias de informação e comunicação, como *Blogs*, *Twitter*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Pinterest* e as redes sociais, precisam surgir uma nova dinamização e novas práticas por parte das bibliotecas escolares. Então, perguntamos: como as bibliotecas escolares devem abordar as práticas de leitura, atividades de extensão cultural, recreação e lazer, utilizando-se dessas tecnologias?

Nesse sentido, alguns conceitos deverão precisar ser reformulados com relação à biblioteca escolar. Esta deve ser um centro dinâmico, como novo espaço de serviços, que interaja com a escola, favorecendo a formação e a aprendizagem estudantil. Inclusive nas áreas da inteligência artificial, *Big Data*, ciber-físicos e robotização, como também um forte aliado no combate a disseminação das “*fake news*” e distribuição deliberada de desinformação.

É necessário pensar além das fronteiras e o bibliotecário deve propor atividades que estimulem o debate, a fim de que os alunos possam aprender uns com os outros, o empreendedorismo, a internet das coisas, *makerspaces*, estimular os estudantes a desenvolver habilidades voltadas para tecnologias de informação e comunicação, ciências e artes e fortalecer a utilização das mídias digitais.

A ação da biblioteca escolar é focar nos leitores e não apenas no acervo, e, ainda, na realização de ações culturais e de utilização de tecnologias para organizar, processar e

disseminar informações, como também promover a chamada competência em informação (*information literacy*).

A competência em informação abrange desde os processos de busca da informação para a construção do conhecimento pelas habilidades em tecnologia da informação e comunicação, passando pela retenção, recuperação, interpretação e avaliação da informação, até o aprendizado independente, com o objetivo de formar indivíduos para a toda vida. Uma vez que se trata de um fator importante a ser executado e desenvolvido no século XXI, como a biblioteca escolar deve concretizar esse processo de competência de informação?

Os suportes de informação tecnológicos lançam no mercado uma avalanche de recursos de leitura, com conteúdo informativo, científico, técnico, cultural e lúdico, e nos obrigam a repensar a função da educação, o processo da aprendizagem e, por excelência, a biblioteca escolar. Portanto, como a biblioteca escolar pode organizar sua estrutura para utilizar esses equipamentos para o ensino e para a aprendizagem? Ou ainda: é o papel da biblioteca escolar se preocupar com esse movimento dos suportes de informação tecnológicos?

A partir de tais mudanças, que abrangem a abertura às novas tecnologias, a biblioteca poderia ingressar na chamada sociedade da informação, conforme nos conta Fuentes Romero (2006, p. 30): *“la biblioteca escolar es para los alumnos la puerta de entrada a la sociedad del conocimiento y de la información”*.

Nessa perspectiva, a biblioteca teria a função de se adequar a essa sociedade, inserindo crianças e jovens em seu âmbito e também promover a chamada competência em informação (*information literacy* - IL), que

abrange desde os processos de busca da informação para construção do conhecimento pelas habilidades em tecnologia da informação até o aprendizado independente, por meio da interação social dos sujeitos. (FUENTES ROMERO, 2006, p. 30).

Nesse âmbito, a biblioteca escolar deseja se impor como um lugar de disseminação cultural, de “encontro de pessoas, pipocar de teclados de notebooks e dispersão de livros” (ARENA, 2009, p. 162), de circulação de diferentes sujeitos, sentidos, serviços e recursos (incluindo os eletrônicos). E não se restringindo a um papel meramente didático-pedagógico, a apoiar o programa do professor, devendo ir além (PERROTTI, 2006), explorando sua multiplicidade, as suas várias dimensões, citadas por Ely (2003), a saber: social, informativa, criativa, pedagógica e recreativa; essas dimensões significam as funções que deveriam ser desempenhadas pelas bibliotecas, de acordo com a *International Association of School Librarianship* (1993).

Vários autores, como Fragoso (2002), Silva, Ferreira e Scorsi (2009), retomam esses sentidos, apontando diferentes ações a serem realizadas nas bibliotecas, como o atendimento às necessidades dos alunos, professores e outros membros da comunidade escolar, orientação nas consultas, leituras e utilização da biblioteca, incentivo ao pensamento crítico e reflexivo, disponibilização de diversos recursos e serviços, promoção da interação entre professores, bibliotecários e os alunos, etc.

Pois de acordo com Ottonicar, Castro Filho e Sala (2019, p. 19)

[...] o bibliotecário escolar deve conhecer os documentos e os recursos disponíveis,

disseminando as informações junto aos usuários, atentando ao plágio e valorizando as propriedades intelectuais. Portanto, é importante que a biblioteca escolar disponibilize um acervo que atenda aos interesses e às necessidades de docentes e discentes e, para isso, é necessário que os serviços da biblioteca escolar estejam integrados a um Projeto Político Pedagógico.

Dentre essas diversas funções, destacamos a mediação da informação (do acervo), para que a biblioteca não seja mais um lugar de imposição de leituras, fechado para sua circulação, que impede diferentes experiências com as obras e afeta o despertar do gosto pela leitura. Segundo Antonio e Moraes (2008, p. 323),

o papel do profissional da informação, no contexto da sociedade do conhecimento, é o da mediação que favorece a interação sujeito e objeto no desenvolvimento de competências, mas também como facilitador da apreensão do indivíduo.

E que de acordo com Silva (2018, p. 155) “deve fortalecer identidades e a cultura local, como legado de chegada, deve ser instrumento de formação de cidadãos críticos”.

Assim sendo, consideramos que, lançando mão de uma diversidade de obras, suportes informacionais e atividades amparadas por uma nova concepção de leitura, escrita e apreensão dos sentidos, o profissional da informação, juntamente com os educadores, poderão fazer da biblioteca um lugar privilegiado para um processo de ensino/aprendizagem mais profícuo (FERRAREZI, 2010).

Nesse sentido, em relação às bibliotecas escolares, algumas atitudes e funções deverão ser implementadas, como:

a) contribuir para fomentar a leitura e o acesso do

aluno à informação e à outros recursos para o aprendizado das demais áreas e a formação no uso crítico dos mesmos;

b) capacidade para organizar e representar o conhecimento expressado e difundido mediante diferentes tipos de documentos educativos;

c) capacidade para organizar, administrar e fazer possível o acesso aos recursos de informação;

d) amplitude para orientar, formar e informar a comunidade educativa através de especialistas;

e) possibilidade de sustentar um novo modo de conhecer através da alfabetização em informação;

f) capacidade para promover a leitura em suas distintas dimensões.

Dentro dessa perspectiva, a biblioteca escolar é essencial no sistema educacional, pois, como parte integrante deste sistema, pode e deve colaborar de maneira expressiva para que seus usuários possam potencializar seus conhecimentos, ou seja, adquirir habilidades, obter, utilizar e gerar esses saberes. Isso mostra a importância da biblioteca no ambiente educativo. Quais atitudes e funções seriam suficientes para demonstrar o valor da biblioteca escolar nesse cenário delineado no século XXI, com suas novas demandas e configurações sociais e tecnológicas?

Assim, é preciso que haja a presença de uma estrutura adequada e com recursos humanos qualificados para que se faça a mediação da busca da informação para todos os leitores da biblioteca escolar. O fato é que a biblioteca escolar pode e deve ser uma base notavelmente importante para a escola, tanto auxiliando nas atividades culturais, de leitura, de pesquisa, como nos serviços básicos de organização, disseminação e acesso à informação pelos usuários. Portanto,

a biblioteca escolar deve ser encarada como um centro de recursos vivo, dinâmico e indispensável na escola e na comunidade onde está inserida.

Para que isso se concretize, faz-se necessário compreender a sua importância no panorama da educação e do ensino; certamente veremos que a biblioteca escolar não é apenas o acessório do ensino, mas sim o pilar de sustentação daqueles que buscam potencializar seus conhecimentos na busca pelo efetivo uso correto da informação. Que medidas podem ser tomadas para que se reconheça, se compreenda e se expanda com maior clareza a função de sustentação da biblioteca escolar no sistema de ensino?

A biblioteca escolar é também um centro de produção de textos, originais ou coletados pela rede, escritos pelos alunos ou impressos pelos navegadores, para disseminação pelos corredores e pelas salas de aula. Em vez de a sala de aula invadir a biblioteca, a biblioteca escolar invade as salas de aula. E, para isso acontecer, como a biblioteca escolar deve proceder, que estratégias deve mobilizar?

Outro aspecto importante com que a biblioteca escolar deve se preocupar é o desafio de separar o joio do trigo. Em que sentido? A dimensão e a circulação da informação estão cada vez mais rápidas, é um mundo acelerado de informação. Como a biblioteca escolar deve se preparar para essa seleção? Não estamos falando de censura, mas de informação necessária para o sucesso do ensino e da aprendizagem. E o acervo das bibliotecas escolares? Como organizá-lo e deixá-lo acessível em um mundo cada vez mais exigente com conteúdo e cada vez mais saturado de teor?

Podemos destacar também que os projetos de biblioteca escolar a definir terão de estar atravessados em cada caso

pelas características sociais, hábitos culturais, tradições que fazem parte da vida da comunidade escolar e do entorno mais imediato, rumo à atividade pedagógica e cultural que a escola irradia. Neste cenário de projetos, devemos ter diversos atores envolvidos, em diferentes posições e em construções de projetos com modelos flexíveis. Quem são esses atores? E como trabalhar esse direcionamento de projetos na biblioteca escolar, de forma que possamos envolver todos esses atores?

Por último, mas não menos importante, e o desempenho do professor bibliotecário, ou do bibliotecário, diante de todas essas questões? Pois, ao nosso ver, esse sujeito é um dos que exerce o papel decisivo na amplitude de formação das crianças e jovens estudantes. Como devemos tratar a formação desse profissional? Aprimorar com novas técnicas e metodologias? Ou simplesmente deixar essas iniciativas por conta do próprio profissional? Indo mais longe, em que a universidade tem contribuído nessa formação?

Os novos profissionais da biblioteconomia e da ciência da informação são (e serão cada vez mais) fortemente influenciados pelas tecnologias digitais e sociais. A tecnologia fará parte do dia a dia desses profissionais. A tecnologia será sua mais forte aliada. Desde que saibamos utilizá-la com os propósitos educacionais adequados e não deixemos que ela seja um empecilho ou um inimigo do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, D. M.; MORAES, J. E. de. O profissional da informação na sociedade do conhecimento: aspectos e proposta para a sua atuação na mediação da informação. **Ibersid**: Revista de sistemas de información y documentación, Zaragoza, v. 2, p. 319-323, 2008.

Disponível em: <https://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/2257>. Acesso em: 5 set. 2019.

ARENA, D. B. Leitura no espaço da biblioteca escolar. *In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas***. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 157-185.

BRASIL. Câmara dos Deputados do Brasil. **Projeto de Lei 9484/2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília, 2018. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_tegra;jsessionid=8249A22E6292EA891BA7524EF690D72D.WebExterno2?codteor=1639337&filename=PL+9484/2018. Acesso em: 10 set. 2019.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 10 set. 2019.

CAMPELLO, B. S., CARVALHO, M. da C.; ANDRADE, M. E. A.; VIANNA, M. M.; CALDEIRA, P. da T.; ABREU, V. L. F. G. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CASTRO FILHO, C. M. de. Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável: uma leitura de política pública na clave da biblioteca escolar. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 355-372, jun. 2018.

CUEVAS CERVERÓ, A. La biblioteca escolar como centro de recursos para el aprendizaje (CRA). *In: CERVERÓ, A. C. **Lectura, alfabetización en información y biblioteca escolar***. Gijón: Trea, 2007. p. 163-188.

ELY, N. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 46-53, 2003. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/405/510>. Acesso em: 1 set. 2019.

FERRAREZI, L. **A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca escolar: profissão e cidadania. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 240-250, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/381/463>. Acesso em: 15 out. 2019.

FUENTES ROMERO, J. J. **La biblioteca escolar**. Madrid: Arco: Libros, 2006.

IFLA. Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. Tradução de Maria José Vitorino. Portugal: IFLA, 2006. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 1 set. 2019.

IFLA. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Portugal: IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2018**: notas estatísticas. Brasília: Ministério da Educação, 2019.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANSHIP. **Declaração política da IASL sobre bibliotecas escolares**. 1993. Disponível em: <http://www.oei.es/pdfs/rbe5.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

LEMOS, A. A. B. de. Bibliotecas. *In*: CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. da T.; MACEDO, V. A. A. (org.). **Formas e Expressão do Conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 347-366.

MANGUEL, A. **A biblioteca** à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

MAROTO, L. H. **Biblioteca escolar, eis a questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OTTONICAR, S. L. C.; CASTRO FILHO, C. M. de; SALA, F. A. competência em informação aliada as tarefas do bibliotecário escolar. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 17, p. 1-23, nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8653232/pdf>. Acesso em: 09 out. 2019.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 p. 173-188, 2009. Disponível em: http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/58-artigos-paivaj_et al.pdf. Acesso em: 19 de set. 2019.

PERROTTI, E. Biblioteca não é depósito de livros. [Entrevista concedida a Márcio Ferrari]. **Nova escola**, São Paulo, ed. 193, jun. 2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/biblioteca-nao-deposito-livros-423601.shtml>. Acesso em: 5 out. 2019.

PIMENTA, J. S. Bibliotecas escolar: presente! *In*: PIMENTA, J. S.; HUBNER, M. L. F.; HENRIQUES, H.; SILVA, M. F. da. **Biblioteca Escolar**: memória, práticas e desafios. Curitiba: CRV, 2018. p. 13-22.

SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A.; SCORSI, R. de Â. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca**

escolar e práticas educativas. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 49-67.

SILVA, M. F. de. Desafios contemporâneos à biblioteca escolar: as representações à edificação das identidades. *In:* PIMENTA, J. S.; HUBNER, M. L. F.; HENRIQUES, H.; SILVA, M. F. da. **Biblioteca Escolar:** memória, práticas e desafios. Curitiba: CRV, 2018. p.156-167.